UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE HISTÓRIA

JAMAYRA DANYLA MORAES VALE

O ACOMPANHAMENTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DAS VIVÊNCIAS CULTURAIS DOS ALUNOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BELA AURORA NA ESCOLA MUNICIPAL SEBASTIÃO OLIVEIRA, NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

CAPANEMA - 2026

JAMAYRA DANYLA MORAES VALE

O ACOMPANHAMENTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DAS VIVÊNCIAS CULTURAIS DOS ALUNOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BELA AURORA NA ESCOLA MUNICIPAL SEBASTIÃO OLIVEIRA, NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Bragança, da Universidade Federal do Pará como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Dra. Maria Roseane Corrêa Pinto Lima

CAPANEMA - 2026

JAMAYRA DANYLA MORAES VALE

O ACOMPANHAMENTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DAS VIVÊNCIAS CULTURAIS DOS ALUNOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BELA AURORA NA ESCOLA MUNICIPAL SEBASTIÃO OLIVEIRA, NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, Campus Bragança, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História.

Data de aprovação: _____/07/2026
Parecer: _____
Conceito: _____

Banca Examinadora:

_____
Profa. Dra. Maria Roseane Corrêa Pinto Lima (Orientadora)
Faculdade de História – UFPA, Campus Bragança

_____
Profa. Dra. Eliane Cristina Soares Charlet (Examinadora Interna)
Faculdade de História – UFPA, Campus Bragança

_____
Prof. M.Sc. Benedito Emílio da Silva Ribeiro (Coorientador)
Programa de Pós-Graduação em História – PPHIST/UFPA

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder força, sabedoria, coragem e perseverança para chegar até aqui. A conclusão deste trabalho representa a realização de um sonho e o enceramento de uma etapa muito importante da minha vida.

Aos meus pais, Walquíria do Rosário Vale e Carlos Henrique Ribeiro, minha eterna gratidão por todo o amor carinho apoio e incentivo.

Obrigada por acreditarem em mim, por me ensinarem a nunca desistir dos meus sonhos e por estarem ao meu lado em todos os momentos.

Ao meu esposo, Renato Coelho Da Silva, agradeço pelo o amor e companheirismo, paciência e compreensão durante todo esse percurso. Obrigada por acreditar em mim e por me apoiar nos momento em que precisei de força para continuar.

Ao meu filho, Paulo Renner Vale Coelho, minha maior inspiração, dedico uma parte especial desta conquista.

Você e uma das razões pelas as quais nunca deixaria de acreditar que seria possível.

Aos meus irmãos, Carla Juliana, Peter Jouberth, e Paulo Jean, agradeço pelo o carinho e palavras de incentivo, e por sempre acreditarem na minha capacidade, e por toda torcida durante a minha caminhada, obrigada!

Aos meus tios e tias, e a todos os meus familiares, agradeço por cada palavra de incentivo e por sempre acreditarem em mim.

À minha orientadora, prof.ª Dr.ª Maria Roseane Corrêa Pinto Lima, minha sincera gratidão por toda a orientação, contribuição ao longo da construção deste trabalho. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos, por acreditar em meu potencial.

As minhas amigas de faculdade, Suzi Caldas, Elisandra Carneiro, Michele Rocha, Mariele Coimbra, Sara Lopes, agradeço por todos os momentos compartilhados durante essa caminhada. Foram dias de desafios, aprendizados, e muitas risadas. Ter vocês ao meu lado tornou essa trajetória mais leve e especial.

Á minha comunidade quilombola Bela Aurora, agradeço por fazer parte da minha história, da minha identidade, da minha cultura e das minhas raízes.

Á Escola Municipal Sebastião de Oliveira, agradeço pela acolhida, pelo apoio e pela contribuição para a realização desta pesquisa. Agradeço a todos que colaboraram para que este trabalho pudesse ser desenvolvido.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

O ACOMPANHAMENTO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DAS VIVÊNCIAS CULTURAIS DOS ALUNOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE BELA AURORA NA ESCOLA MUNICIPAL SEBASTIÃO OLIVEIRA, NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Jamayra Danyla Moraes Vale[1]

Resumo: Este trabalho analisa como as práticas pedagógicas e as vivências culturais de estudantes quilombolas do 6º ano são acompanhadas na Escola Municipal Sebastião Oliveira (Cachoeira do Piriá-PA), buscando compreender de que modo a instituição dialoga com a realidade sociocultural da comunidade de Bela Aurora, às margens do rio Gurupi. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, com uso de entrevistas semiestruturadas, questionários abertos e observação, envolvendo estudantes, docentes, coordenação e representantes comunitários. Os resultados indicam forte sentimento de pertencimento e orgulho identitário entre os alunos, bem como iniciativas escolares que valorizam cultura, oralidade e território por meio de projetos, rodas de conversa e atividades interdisciplinares. Persistem, contudo, desafios estruturais e pedagógicos, como descontinuidade formativa decorrente de turmas multisseriadas, dificuldades de deslocamento, limitações de recursos e lacunas entre legislação e implementação da educação escolar quilombola. Conclui-se que o fortalecimento da identidade demanda políticas efetivas, participação comunitária e sistematização do PPP em perspectiva antirracista.

Palavras-chave: educação escolar quilombola; práticas pedagógicas; identidade quilombola; cultura afro-brasileira; território.

Abstract: This work analyzes how the pedagogical practices and cultural experiences of quilombola students of the 6th grade are monitored at the Sebastião Oliveira Municipal School (Cachoeira do Piriá-PA), seeking to understand how the institution dialogues with the sociocultural reality of the community of Bela Aurora, on the banks of the Gurupi River. This is a qualitative, ethnographic research, with the use of semi-structured interviews, open questionnaires and observation, involving students, teachers, coordination and community representatives. The results indicate a strong sense of belonging and identity pride among students, as well as school initiatives that value culture, orality and territory through projects, conversation circles and interdisciplinary activities. However, structural and pedagogical challenges persist, such as training discontinuity due to multigrade classes, travel difficulties, resource limitations, and gaps between legislation and the implementation of quilombola school education. It is concluded that the strengthening of identity requires effective policies, community participation and systematization of the PPP in an anti-racist perspective.

Keywords: quilombola school education; pedagogical practices; quilombola identity; Afro-Brazilian culture; territory.

[1] Graduanda em História pela Universidade Federal do Pará. E-mail: danilavale123@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o acompanhamento das práticas pedagógicas e das vivências culturais dos alunos quilombolas do 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Sebastião Oliveira, localizada no município de Cachoeira do Piriá, Pará. A pesquisa busca compreender de que forma a escola tem desenvolvido estratégias educativas que dialoguem com a realidade sociocultural dos estudantes da comunidade quilombola de Bela Aurora, valorizando sua identidade, seus saberes e suas tradições. A comunidade quilombola de Bela Aurora possui uma trajetória histórica marcada pela resistência, pela construção coletiva e pela preservação de práticas culturais próprias, estando situada às margens do rio Gurupi. Nesse contexto, a escola assume um papel fundamental não apenas na transmissão de conhecimentos formais, mas também na valorização da cultura local e no fortalecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes.

Diante disso, a problemática que orienta este estudo consiste em compreender como as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Municipal Sebastião Oliveira contribuem para o reconhecimento e a valorização da identidade quilombola, bem como identificar os desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem desses alunos. A pesquisa também busca analisar a relação entre escola e comunidade, considerando a importância dessa interação para a construção de uma educação contextualizada e inclusiva.

A relevância deste estudo se justifica tanto no campo da História quanto da Educação, da História Social e seus desdobramentos nos estudos das populações negras no Brasil, especialmente nas discussões sobre educação escolar quilombola, ensino de História e valorização da cultura afro-brasileira. Ao abordar a realidade de uma comunidade específica da região amazônica, o trabalho contribui para ampliar o debate sobre práticas educativas que respeitem a diversidade cultural e promovam a equidade no ambiente escolar. A importância acadêmica do tema se justifica também pela necessidade de ampliar as discussões sobre a efetivação das políticas públicas educacionais voltadas às comunidades quilombolas, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Apesar dos avanços legais, ainda existem lacunas entre o que está previsto na legislação e o que se concretiza no

cotidiano escolar, especialmente em escolas que atendem alunos quilombolas fora de seus territórios.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com caráter etnográfico, que possibilita uma análise aprofundada das experiências e vivências dos sujeitos envolvidos. Para a coleta de dados, foram utilizados instrumentos como entrevistas semiestruturadas, questionários abertos e observação, envolvendo estudantes, professores, coordenação pedagógica e representantes da comunidade quilombola. Além disso, recorreu-se à pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica, contemplando autores que discutem educação, cultura e relações étnico-raciais.

A escolha do tema “O acompanhamento das práticas pedagógicas e das vivências culturais dos alunos quilombolas da comunidade Bela Aurora na Escola Municipal Sebastião Oliveira, no 6º ano do Ensino Fundamental” está relacionada, inicialmente, à minha vivência enquanto pessoa pertencente à comunidade quilombola de Bela Aurora. Essa proximidade possibilita um olhar sensível e comprometido com a realidade educacional desses estudantes, despertando em mim o interesse em compreender de que forma a educação escolar quilombola tem sido desenvolvida e como contribui para a valorização da identidade cultural e dos saberes tradicionais.

Para além da dimensão pessoal, este estudo se insere no campo de investigação da História da Educação, do Ensino de História e da Educação das Relações Étnico-Raciais no Brasil, áreas que convergem com os avanços da História Social no país e seus desdobramentos nos estudos que buscam compreender os processos históricos de exclusão e as lutas por acesso e permanência da população negra no sistema educacional, temas que vêm sendo desenvolvidos também pelos estudos de Emancipações e o Pós-abolição. Nesse sentido, a pesquisa dialoga com os estudos sobre educação escolar quilombola, especialmente no contexto amazônico, onde essas comunidades possuem especificidades históricas, culturais e territoriais que precisam ser consideradas nas práticas pedagógicas.

Do ponto de vista social, a pesquisa se mostra importante por contribuir para a valorização da identidade quilombola, fortalecendo o reconhecimento dos saberes, das práticas culturais e das formas próprias de organização dessas comunidades. Ao analisar as práticas pedagógicas e as vivências culturais dos estudantes, o estudo também evidencia os desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem,

como desigualdades sociais, dificuldades de acesso e limitações estruturais, propondo reflexões que podem colaborar para uma educação mais inclusiva, contextualizada e antirracista.

Portanto, este trabalho pretende evidenciar como as práticas pedagógicas podem contribuir para o fortalecimento da identidade quilombola e para a construção de uma educação mais justa, inclusiva e comprometida com a realidade dos sujeitos, destacando a importância do diálogo entre escola e comunidade no processo educativo. Dessa forma, este trabalho justifica-se pela sua contribuição tanto para o campo acadêmico quanto para a realidade social investigada, ao promover reflexões sobre a construção de uma educação que respeite a diversidade cultural, valorize a identidade quilombola e contribua para a superação das desigualdades históricas.

2. A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DOS ALUNOS QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DE BELA AURORA

A relação entre a escola e a comunidade quilombola de Bela Aurora é consistente, pois seus membros participam dos diálogos, compartilham saberes, história e conhecimento ao lado de seus professores, resultando em uma experiência educativa mais dinâmica e interativa. De acordo com a coordenadora Eliana Caldas de Araújo,

> (...) nossa escola é referência em educação no nosso município, onde acolhe a comunidade de forma geral, e os mesmos têm livre acesso, pois estamos sempre promovendo momentos entre escola e comunidade através de projetos voltados para cultura, preservação do meio ambiente e valorização do território como espaço de aprendizagem e troca.

Essa relação dialógica entre escola e comunidade, quando efetivamente praticada, rompe com o modelo tradicional de ensino unilateral e hierarquizado, no qual o saber escolar se sobrepõe aos conhecimentos populares. Nas comunidades quilombolas essa troca não é apenas um complemento pedagógico, mas o próprio eixo estruturante do currículo, no sentido de se reconhecer que os modos de vida, as práticas agrícolas, as manifestações religiosas, as narrativas orais e as expressões artísticas locais são fontes legítimas de produção de conhecimento. Ao integrar esses elementos ao cotidiano escolar, a educação quilombola pode cumprir importante papel no fortalecimento da identidade étnica e de resistência cultural, indo além da mera adaptação de conteúdos externos. Como afirma Gomes, “A educação escolar quilombola deve ser construída em diálogo com os saberes e práticas culturais das

comunidades, garantindo o reconhecimento da identidade e da ancestralidade negra” (Gomes, 2012, p. 87).

Paulo Freire (1996) defendia que “a educação deve ser prática da liberdade”, o que sustenta a ideia de que a escola quilombola precisa ir além da transmissão de conteúdos, promovendo a emancipação e a consciência crítica. Nesse sentido, a implementação efetiva do que propõem Gomes e Freire exige políticas públicas que garantam a formação continuada de professores, materiais didáticos contextualizados e autonomia para que cada comunidade construa seu projeto político-pedagógico. Não basta declarar a abertura da escola; é preciso que a comunidade participe ativamente das decisões sobre gestão, planejamento e avaliação, ocupando espaços de poder. Quando a escola se torna um território vivo de troca, onde a ancestralidade e a liberdade são vividas diariamente, ela deixa de ser um instrumento de reprodução das desigualdades para se tornar um agente transformador, capaz de formar sujeitos críticos, orgulhosos de sua história e comprometidos com a justiça social. Essa é a verdadeira práxis da educação quilombola: aprender com a comunidade, com a comunidade e para a comunidade.

2.1 Caracterização da Escola Municipal Sebastião Oliveira

A comunidade Quilombola de Bela Aurora foi fundada por negros fugidos do estado do Maranhão, onde boa parte tomou esta direção em busca do ouro no garimpo. Consta que o Sr. Manoel Raimundo foi o negro que descobriu o ouro, fato datado de 1887, no que atualmente é o município de Cachoeira do Piriá, no Pará, às margens do Rio Gurupi. Bela Aurora conquistou a certificação e teve suas terras delimitadas como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Palmares em 4 de março de 2004.

Figura 1: Mapa de localização da E.M.E.I.F. Sebastião Oliveira.



Fonte: Carvalho, 2026.

A Escola Municipal Sebastião Oliveira, localiza-se no município de Cachoeira do Piriá, no estado do Pará. A história da comunidade quilombola de Bela Aurora é marcada pela luta, pelo trabalho em conjunto e pela manutenção de tradições culturais próprias. Nesse cenário, a escola tem um papel essencial não só no ensino dos conteúdos formais, mas também no reconhecimento da cultura local e no incentivo ao orgulho e sentido de pertencimento dos estudantes.

3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE EVIDENCIAM O TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE BELA AURORA

A cultura quilombola vai além do modo de vida, dos costumes, das normas sociais e da história da comunidade, sendo justamente esses elementos que orientam as relações sociais com a escola e seu entorno. Sendo assim, a cultura pode ser entendida como um conjunto de saberes que abrange a arte, as crenças, as leis, a moral, os costumes, bem como todos os hábitos e capacidades que o ser humano adquire e não apenas no ambiente familiar, mas também por pertencer a uma sociedade da qual é membro. Educação e cultura são processos que se complementam, ainda que por vezes pareçam opostos. Eles caminham juntos e são fundamentais para que as comunidades preservem e divulguem seus saberes próprios. A educação quilombola é aquela construída no cotidiano das pessoas, na escola, na família, no trabalho, na comunidade, nas lutas sociais, nas manifestações

culturais, na relação sustentável com o meio ambiente, ou seja, no próprio modo de ser e estar no mundo.

Para Conceição Evaristo, a escrevivência vivida pelo próprio professor, pode levá-lo a pensar e explorar várias formas de textualizar o mundo em que o estudante está inserido, através da dança, da pintura, da culinária, das relações com a comunidade, a autora defende que o mundo pode ser textualizado por meio da dança, da pintura, da culinária, não apenas pela letra alfabética, pois os sujeitos são produtores de saberes, sendo capazes de produzirem textos que a escola necessita tomar posse e reproduzir esses conhecimentos. Sua ideia de escrevivência vem sendo utilizada nos materiais que orientam a educação escolar, para reforçar a ideia de processos educacionais mais plurais.

> A escrevivência pode ser incorporada pelas escolas como metodologia, na medida que traz novos conteúdos baseados no cotidiano e saberes dos sujeitos e das comunidades, evidenciando valor a eles e contribuindo para processos educacionais mais plurais. (NOVA ESCOLA, 2025).

A escrevivência dos professores pode ser incorporada pelas escolas como metodologia, uma vez que trabalha novos conteúdos fundamentados no cotidiano e saberes dos sujeitos, valoriza seus saberes e costumes, contribuindo assim para processos educacionais múltiplos, fortalecendo a territorialidade da comunidade.

Para conhecer as práticas pedagógicas que evidenciam o território quilombola da comunidade de Bela Aurora, iremos apresentar algumas atividades que destacam esse sentimento de pertencimento. Por exemplo, na trilha ecológica realizada pelos professores e estudantes da Comunidade de Bela Aurora, ambos reverenciam a árvore Sumaúma (Figura 2). A árvore tem uma história que é passada de geração para geração, todos os visitantes que chegam à comunidade fazem referência a ela, pois é um lugar de muita paz. Segundo os relatos, a árvore é cercada de mistério. Sobre isso, consta que um cidadão enterrou um caldeirão com ouro, pois não tinha onde guardar e, antes de falecer, contou para alguém que também não conseguiu desenterrar.

Figura 2: Estudantes da E.M.E.I.F Sebastião Oliveira visitando Bela Aurora



Fonte: VALE, 2026.

Figura 3: Estudantes da Escola Sebastiao Oliveira na aula de Robótica.



Fonte: VALE, 2026.

A imagem apresenta, a oficina de robótica onde alunos do 6°Ano e 9° Ano participaram ativamente da Feira de Ciências, demonstrando grande envolvimento, criatividade e evolução no processo de aprendizagem (Figura 3). Durante o desenvolvimento dos projetos, os estudantes foram capazes de criar diversos

protótipos, em sua maioria, materiais recicláveis. Entre os trabalhos apresentados, destacam-se a construção de um helicóptero movido a motor, um barco também motorizado, todos evidenciando a aplicação prática de conceitos científicos e tecnológicos. Os alunos tiveram contato com noções de programação por meio da criação de códigos no MBlock, no contexto de criação científica. Esse processo contribuiu significativamente para o desenvolvimento do raciocínio lógico e da autonomia dos estudantes. A participação dos estudantes proporcionou-lhes uma experiência enriquecedora, promovendo o trabalho em equipe, a criatividade e a integração entre teoria e prática.

Figura 4: A imagem apresenta elementos culturais da comunidade quilombola



Fonte: VALE, 2026.

A Figura 4 apresenta composição de elementos culturais da comunidade quilombola Bela Aurora, reunindo objetos artesanais, utensílios que representam a identidade cultural. A exposição desses elementos no ambiente escolar contribui para o fortalecimento da identidade desses alunos, da valorização das tradições e do reconhecimento da cultura quilombola. Além disso a prática pedagógica favorece uma aprendizagem mais significativa, aproximando os conteúdos escolares da realidade vivenciada pelos estudantes.

Figura 5: Elementos da cultura dos povos indígenas



Fonte: VALE**,** 2026.

Esta imagem (Figura 5) representa uma atividade pedagógica e cultural desenvolvida pela professora Wânia do Rosário, junto aos estudantes do 5°ano. A atividade trabalha a cultura dos povos originários, valorizando a diversidade cultural, mostrando para os estudantes a importância dos saberes tradicionais. O cenário foi organizado com elementos que remetem à cultura indígena, como artesanatos, pinturas, objetos tradicionais, frutas, plantas, comidas e símbolos da natureza, mostrando a relação dos povos originários com o nosso cotidiano. A presença da canoa e as cestarias evidenciam costumes, formas de sobrevivência e manifestações culturais transmitidas de geração em geração. A atividade pedagógica evidencia a valorização da identidade dos povos originários dentro do ambiente escolar, promove o respeito e a incentiva a participação dos estudantes na construção do aprendizado cultural e coletivo.

Freire (2006) defendia que “a educação precisa libertar, formando sujeitos críticos, capazes de pensar e transformar suas realidades”. Nessa linha de pensamento, “o currículo vai além da ideia de um simples conjunto de disciplinas, passando a incorporar uma estrutura crítica que considera a dimensão libertadora em

benefício das massas populares”. Assim, as práticas curriculares são compreendidas como espaços de defesa das lutas nos âmbitos cultural e social.

4. METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como qualitativo, tendo como objetivo compreender as conexões entre a comunidade quilombola e o ambiente escolar no quilombo Bela Aurora. Conforme ressalta Martins (2004), a pesquisa qualitativa exige certos cuidados, sendo amplamente empregada por estudiosos das áreas social e antropológica. Dentre esses cuidados, o autor destaca:

> O pesquisador precisa estar atento ao contexto histórico e simbólico dos sujeitos envolvidos, reconhecendo sua própria implicação na realidade estudada" (MARTINS, 2004, p. 25).

Isso significa dizer que o pesquisador não pode tratar a comunidade quilombola e a escola como realidades isoladas ou hierarquicamente agregadas. Assim, ele precisa reconhecer que tanto os saberes tradicionais do quilombo quanto os conhecimentos formais da escola coexistem em um campo de tensões e trocas. Desse modo, averiguar as relações entre esses dois espaços exige uma postura reflexiva, o pesquisador deve estar atento à sua própria posição (muitas vezes externa à comunidade) e evitar impor categorias prontas ou visões estereotipadas. Os cuidados mencionados por Martins (2004) incluem, por exemplo, a necessidade de tempo prolongado em campo, a valorização da oralidade como fonte legítima de conhecimento, e o respeito aos rituais, à memória coletiva e às lideranças locais. Desse modo, a pesquisa qualitativa não busca provar hipóteses fechadas, mas, no caso deste trabalho, compreender como os sujeitos quilombolas reproduzem sua relação com a escola como espaço de afirmação identitária, luta, resistência ou de negociação cotidiana.

A coleta das informações foi realizada por meio de questionários, respondidos por 05 estudantes da Comunidade Quilombola de Bela Aurora, professores, coordenadores pedagógicos e uma entrevista semiestruturada com 02 representantes da comunidade. Os estudantes responderam 04 perguntas cada, os professores responderam 05 questões, os coordenadores pedagógicos responderam 06 questões. Após organizar os dados da pesquisa, as respostas foram analisadas repetidas vezes e confrontadas com as dos diferentes entrevistados, com o objetivo de entender as

relações entre a comunidade e a escola, para identificar categorias de análise significativas aos questionamentos da pesquisa.

5- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a elaboração dos resultados e discussões, utilizamos como instrumentos de pesquisa: questionários aplicados com os estudantes, professores e coordenadores pedagógicos e uma entrevista semiestruturada feita com 02 representantes da comunidade.

Para manter o anonimato dos estudantes usaremos os códigos E1, E2, E3, E4 e E5. Foram elaboradas 05 questões para entender o sentimento de pertencimento e a relação dos estudantes quilombolas com a escola.

Os dados da pesquisa foram organizados em tabelas como a exemplificada à baixo.

Quadro 1: Entrevistas com os estudantes da escola municipal Sebastião Oliveira

1) O que você pensa sobre o lugar onde mora?	
ESTUDANTES	**RESPOSTA**
ESTUDANTE - E1	Eu amo muito o lugar onde eu moro porque tenho contato direto com a natureza e amo esse lugar tão bonito cheio de Riqueza.
ESTUDANTE - E2	Eu moro aqui no Quilombo e gosto de morar aqui porque é um lugar legal e acontece muitas brincadeiras e minha família é toda feliz por morar aqui.
ESTUDANTE - E3	Eu acho legal é muito divertido morar aqui nesse lugar porque eu brinco eu vivo livre aqui.
ESTUDANTE - E4	É muito legal muito bonita aqui e gosto de morar aqui sou feliz.
ESTUDANTE - E5	Eu amo meu lugar e tenho orgulho de ser quilombola.
2) O que é ser quilombola para você?	
ESTUDANTE -E1	Ser quilombola para mim é ser uma pessoa livre, feliz, me sinto feliz comigo mesmo porque vivo em um lugar aonde sou acolhida pela minha família e pelos meus amigos.
ESTUDANTE - E2	Quilombola para mim é representar a minha comunidade pela minha cor e tenho orgulho de ser quilombola.
ESTUDANTE -E3	Eu acho legal é muito divertido morar aqui nesse lugar porque eu brinco eu vivo livre aqui
ESTUDANTE - E4	Quilombola para mim é ter orgulho da minha cor.
ESTUDANTE - E5	Tenho orgulho de quem sou da minha pele.

3) Você considera que as atividades pedagógicas realizadas pelos professores abrangem a realidade de sua comunidade?	
ESTUDANTE - E1	Sim, aonde eu estudo faço parte de um grupo de dança organizado pelos meus professores e as atividades vêm falando sempre do meu quilombo, aonde eu vivo e da minha cultura.
ESTUDANTE - E2	Sim, considero que educação da minha escola é voltada para o meu quilombo. Tenho um professor chamado Bruno que ele fala sobre a natureza do nosso quilombo e o quanto é importante preservar essa natureza.
ESTUDANTE - E3	Sim, as atividades da minha escola falam muito do meu quilombo, o lugar onde eu vivo. A minha professora de português fala como é a cultura, demonstra como é a cultura e é muito gratificante ver que o meu quilombo é visto na sala de aula.
ESTUDANTE - E4	Sim, as atividades que os professores passam na sala de aula fala muito da nossa realidade aqui do nosso quilombo.
ESTUDANTE - E5	Sim, a escola onde estudo fala muito sobre a minha comunidade.
4) Quais dificuldades você encontra no ambiente escolar?	
Os 05 estudantes entrevistados não responderam a questão.	

Org: VALE, 2026.

Ao serem questionados sobre o lugar onde moram, os estudantes foram categóricos, enfatizando que amam o espaço ao qual são pertencentes. Descrição de liberdade sentida por eles é nítida, e o orgulho pela cor da pele e de ser quilombola é expresso de forma objetiva e espontânea. Podemos ver essa satisfação na fala do estudante E2, "*Quilombola para mim é representar a minha comunidade pela minha cor e tenho orgulho de ser quilombola".* Mediante as respostas obtidas, torna-se evidente que os estudantes estão liames ao território quilombola, que pertencer a esse lugar os torna gratos e orgulhos em habitar esse espaço que ressignifica sua cultura e costumes.

A infância dessas crianças se revela no modo simples e leve como elas vivem dentro desse espaço, que as transforma em sujeitos ativos, capazes de desenvolver seus próprios aprendizados e dar sentidos à sua cultura e os seus valores. No caso das crianças do Quilombo de Bela Aurora, essas vivências acontecem por meio do contato com a natureza que as rodeiam, onde elas aproveitam os elementos naturais do território para criar suas brincadeiras. Constatamos a felicidade e prazer do brincar nesse território, através da fala do estudante E1, *"Eu moro aqui no Quilombo e gosto de morar aqui porque é um lugar legal e acontece muitas brincadeiras e minha família é toda feliz por morar aqui". Q*uestionados sobres as atividades pedagógicas

realizadas pelos professores abrangem sua a realidade de sua comunidade, todos os estudantes revelarem que as atividades desenvolvidas pelos professores incluem danças, a natureza e a cultura do território.

Sobre as dificuldades enfrentadas por eles, os alunos relataram não haver nenhuma. Por serem crianças, a percepção de dificuldades talvez escape à atenção delas, ou pertencer ao território é tão significativo para elas, que descrever dificuldades talvez não seja o cerne da questão. Viver o território em sua totalidade para eles seja muito mais importante.

Dos 02 professores entrevistados, uma (P1) é graduada e pós-graduada em História, com 15 anos de formação e 23 anos de atuação; a outra professora (P2) é formada em Letras/Língua Portuguesa, com tempo de atuação de 05 anos e 14 anos de atuação docente.

Os dados da pesquisa foram organizados em quadros, como se encontra abaixo.

Quadro 2: Entrevistas com os professores da Escola M. Sebastião Oliveira

1) Existe alguma proposta diferenciada no currículo escolar ou na proposta pedagógica para resgatar e valorizar a cultura afrodescendente?	
PROFESSORES	**RESPOSTA**
PROFESSOR - P1	Sim. O PPP da escola Sebastião de Oliveira tem temáticas que abordam as questões quilombolas, os componentes curriculares como história, geografia, arte, língua portuguesa, têm assuntos abordando as temáticas quilombolas.
PROFESSOR - P2	Sim. Na disciplina de língua portuguesa são desenvolvidas propostas pedagógicas que valoriza a cultura quilombola por meio de leitura, interpretação de textos que abordam a identidade, a história, a oralidade e as manifestações culturais afro-brasileiras. Trabalha-se gênero textuais como relatos orais, poemas, contos, textos informativos e narrativa que dialogam com a oralidade dos alunos, promovendo o respeito e a diversidade cultural.
2) Existe alguma proposta pedagógica para o Ensino que leve em consideração as questões relacionadas a comunidade Quilombola? Quais conteúdos disciplinares são trabalhados?	
PROFESSOR - P1	A escola procura trabalhar em parceria com a comunidade, envolvendo-os nos projetos que são desenvolvidos na escola, fazendo eles se sentirem parte da mesma, contando suas lutas na comunidade. Tem pais que estudam com seus filhos.
PROFESSOR - P2	A relação da escola com a comunidade quilombola é pautada no diálogo, no respeito e na valorização da cultura local, buscando a participação da

	comunidade em atividades escolares e o conhecimento de seus saberes tradicionais no contexto educativo.
3) Ao realizar o planejamento das aulas, você leva em consideração as questões socioculturais manifestadas pelos alunos quilombolas? Se sim, de que forma?	
PROFESSOR - P1	Sim. Todo o trabalho é pautado no PPP da escola, procuramos desenvolver trabalhos de leitura, danças, música, produção textual receitas tudo que é feito e desenvolvido na comunidade escolar tem participação da família, em passeios, gincanas e outros mais.
PROFESSOR - P2	Sim. no planejamento das aulas de língua portuguesa, são consideradas questões socioculturais dos alunos quilombola por meio da escolha de texto contextualizados, Rodas de conversa, Produções textuais baseadas em vivências pessoais e coletivas, além da valorização da oralidade e da identidade cultural dos estudantes.
4) Como é a relação da escola com a Comunidade Quilombola?	
PROFESSOR - P1	A escola procura trabalhar em parceria com a comunidade, envolvendo-os nos projetos que são desenvolvidos na escola, fazendo eles se sentirem parte da mesma, contando suas lutas na comunidade, tem pais que estudos com seus filhos.
PROFESSOR - P2	A relação da escola com a comunidade quilombola é pautada no diálogo, no respeito e na valorização da cultura local, buscando a participação da comunidade em atividades escolares e o conhecimento de seus saberes tradicionais no contexto educativo.
5) Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos da Comunidades Quilombola?	
PROFESSOR - P1	Observo que a maior dificuldade do aluno para acompanhar o desenvolvimento da turma que eles sempre estudaram em turma multisseriadas até o 5° ano, isso faz com que eles deixem de estudar muitos assuntos. Outra a questão é o transporte que às vezes eles vêm de barco ou de carro, até mesmo a questão do trabalho no tempo das colheitas do açaí ou então no tempo de fazer a farinha. Muitos não têm tempo de estudar em casa, fazer os trabalhos extraclasse. Tudo isso precisa de um professor que tem olhar voltado para eles, pois sabemos que eles não têm tempo voltado para o estudo às vezes dorme no horário da aula.
PROFESSOR - P2	As principais dificuldades enfrentadas por esses alunos estão relacionadas, em alguns casos, às limitações de acesso a recursos pedagógicos, às dificuldades de leitura e escrita, bem como as desigualdades sociais. Por isso, busca-se desenvolver estratégias que promovam a inclusão, o fortalecimento da autoestima e uma aprendizagem significativa.

Org: VALE, 2026.

No questionário elaborado para os professores, perguntamos se na proposta pedagógica são levadas em conta as questões quilombolas? Os professores afirmam que a escola reconhece e valoriza as questões quilombolas, procurando incorporá-las tanto no planejamento de ensino quanto nas aulas, ainda que de formas variadas, conforme a disciplina.

A maior parte dos docentes buscam incluir temas ligados à educação quilombola em suas práticas, conforme se registrou acima, no Quadro 2. Nele, os professores relatam que a escola reconhece e valoriza as questões quilombolas, procurando incorporá-las tanto no planejamento de ensino quanto nas aulas, ainda que de formas variadas conforme a disciplina. A maior parte dos docentes busca incluir temas ligados à educação quilombola em suas práticas. A escola pretende oferecer uma educação diferenciada que respeite a cultura quilombola, promovendo um ensino inclusivo no qual o aluno quilombola possa compreender sua própria realidade e resgatar sua história, ao mesmo tempo que os demais estudantes aprendem a importância dessa comunidade para a cultura local. Em relação à parceria entre escola com a comunidade, os professores relatam o envolvimento dos estudantes e familiares em projetos valorizando sua história e costumes. Além disso, há pais que estudam junto com os filhos, fortalecendo o vínculo familiar com a instituição. Especificamente na relação com a comunidade quilombola, prevalecem o diálogo, o respeito e a valorização da cultura local. A comunidade é convidada a participar das atividades escolares, e seus saberes tradicionais são integrados ao cotidiano educativo.

Em resposta sobre Projeto Político (PPP) da escola, os professores relatam que realizam atividades como leitura, dança, música, produção de textos e receitas. Tudo o que é feito no ambiente escolar conta com a participação da família, seja em passeios, gincanas ou outras atividades. No planejamento das aulas de Língua Portuguesa, segundo relatam, levam em conta as questões socioculturais dos alunos quilombolas. Isso acontece por meio da escolha de textos que fazem sentido para a realidade deles, rodas de conversa, produções textuais baseadas em vivências pessoais e coletivas, além da valorização da oralidade e da identidade cultural desses estudantes.

Os professores explicam que uma das maiores dificuldades para os alunos acompanharem o currículo do 6º ano é o fato de eles terem estudado até o 5º ano em turmas multisseriadas. Essa realidade faz com que diversos conteúdos deixem de ser trabalhados. Os dados indicam que o principal obstáculo não é cognitivo ou individual do aluno, mas estrutural e contextual. A origem em turmas multisseriadas, somada às condições de deslocamento, trabalho sazonal e falta de recursos, exige uma abordagem pedagógica profundamente contextualizada. O professor atua como mediador entre o currículo formal e a realidade de vida desses estudantes,

necessitando de formação e apoio para desenvolver estratégias que considerem a escassez de tempo e recursos. Além disso, há dificuldades ligadas ao transporte, já que às vezes o aluno vem de barco ou de carro, e há também o trabalho nos períodos da colheita do açaí ou na produção da farinha. Assim, muitos não têm tempo para estudar em casa ou fazer os trabalhos extraclasse, tudo exige que o professor tem um olhar acolhedor voltado para eles.

Dos 02 coordenadores entrevistados, um (C1) graduado em letras/inglês; graduado letras/espanhol; graduado em pedagogia; especialista em metodologia do ensino de língua inglesa e língua portuguesa; mestre em Ciências de Educação e doutor em Ciência da Educação, com tempo de formação de 03 anos. O coordenador (C2) é graduada Pedagogia e Mestra em Alfabetização, com 26 anos de atuação.

As perguntas direcionadas à coordenação pedagógica da escola foram elaboradas com o objetivo de entender de que forma a instituição enxerga a temática quilombola em seu entorno, como ela aborda essa questão em suas práticas educativas e qual é a relação estabelecida tanto com os alunos quanto com a própria comunidade quilombola. Para isso foram elaboradas as seguintes indagações, apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 3: Entrevistas com os coordenadores

1) Qual o número total de alunos matriculados na escola? Desses, quantos pertencem ao Quilombo Bela Aurora?	
COORDENADOR - C1	O total de alunos são 197. Dos 197 alunos, 80 são da comunidade Bela Aurora.
COORDENADOR - C2	. 197 alunos e recebemos cerca de 80 alunos dos territórios quilombolas de Bela Aurora e Itamoari.
2) A escola recebe alguma verba, ou material pedagógico por estar situada em Território Quilombola? Se sim quais ou o que?	
COORDENADOR - C1	Na caracterização da escola que atende os alunos quilombolas, todavia esta unidade escolar não recebe verba específica nem material pedagógico diferenciado a esses alunos. no entanto, é importante ressaltar que os estudantes são devidamente contemplados por outros programas do governo federal, os quais visam garantir o acesso à educação, a permanência na escola e a promoção da equidade educacional. Esses programas contribuem significativamente para o desenvolvimento educacional dos alunos, assegurando direitos, fortalecendo a inclusão e apoiando as políticas públicas voltada para as populações tradicionais, mesmo não havendo repasse direto de recursos materiais pedagógico específico a unidade escolar.

COORDENADOR -C2	A escola ainda não foi atendida com nenhuma política pública específica para quilombolas. Vale ressaltar que ela não está em território quilombola, ela atende alunos quilombolas. Mas isso não nos impede de estarmos nos organizando como escola que Oferta Educação Escolar Quilombola, para podermos ter acesso às políticas públicas do PNNERQ.
3) Como é a relação das crianças quilombolas e da comunidade com a escola?	
COORDENADOR - C1	A relação das crianças da comunidade com a escola é, de modo geral, positiva e participativa. Os estudantes demonstram o sentimento de pertencimento ao espaço escolar, reconhecendo a escola como um ambiente seguro, acolhedor e fundamental para sua formação educacional e social. as crianças participam ativamente das atividades pedagógicas e culturais promovida pela escola, mantendo boa interação com os professores, gestores e demais funcionários. Observa se também o envolvimento das famílias no acompanhamento da vida escolar, o que contribui para o fortalecimento do vínculo entre comunidade e escola.
COORDENADOR - C2	A relação é boa, somos praticamente uma família, todos nós conhecemos e sempre participamos dos eventos na comunidade quilombola e eles também. Então não é nada de novo para eles, eles entendem que o processo continua na escola Sebastião Oliveira.
4) Quais as dificuldades que os estudantes da comunidade enfrentam?	
COORDENADOR - C1	Falta de mais recursos tecnológicos, desafios relacionados à leitura, escrita interpretação de textos.
COORDENADOR - C2	Não existem dificuldades.
5) Existe alguma proposta diferenciada no currículo escolar ou na proposta pedagógica para resgatar e valorizar a cultura desses povos?	
COORDENADOR-C1	A escola encontra-se um processo de atualização do projeto político pedagógico, com a inclusão de proposta específicas voltada ao resgate, à valorização e ao fortalecimento da cultura quilombola, reconhecendo a identidade, a história e os saberes tradicionais da comunidade. Mesmo durante esse processo de atualização, a escola sempre assegurou o pleno atendimento educacional e garantiu o direito à educação de todos os alunos, oferecendo ensino de qualidade, promovendo a inclusão, o respeito à diversidade e a igualdade de oportunidades, conforme preconizam a legislação educacional vigente e as políticas públicas. Dessa forma, a unidade escolar reafirma seu compromisso com a educação contextualizada, democrática e socialmente referenciada, que respeita a cultura local e contribui para a formação integral dos estudantes.
COORDENADOR– C2	O município em 2020 criou os polos de gestão educacional quilombola, em 2023 o DCC de Cachoeira do Piriá foi aprovado e lá tem a modalidade educação escolar quilombola. Em 2025 o município cria a coordenação escolar quilombola e assim começamos nos organizar e estamos em processo de reestruturação do PPP para nele garantirmos a implementação do DCC com um planejamento voltado para nossos alunos quilombolas e para construção de uma escola a antirracista.

6) A escola possui algum espaço específico para que a comunidade Quilombola interaja de maneira significativa com a escola?	
COORDENADOR– C1	A escola possui espaço específico destinado à interação da comunidade quilombola, utilizado para reuniões, atividades pedagógicas, ações culturais e momentos de diálogo entre a escola e a comunidade. esse espaço favorece a participação da comunitária, o fortalecimento de vínculos e a valorização da identidade cultural quilombola, contribuindo para a construção coletiva do processo educativo.
COORDENADOR– C2	A nossa escola é referência em educação no nosso município, onde acolhe a comunidade de forma geral, e os mesmo tem livre acesso, pois estamos sempre promovendo momentos entre escola e comunidade através de projetos voltados para cultura, preservação do meio ambiente e valorização do território como espaço de aprendizagem e troca.

Org: VALE, 2026.

O questionário elaborado para os coordenadores coletou dados do total de estudantes atendidos pela escola Sebastião Oliveira, um total de 80 estudantes quilombolas. Na descrição da escola que atende os alunos quilombolas, percebe-se que a ela não recebe verba específica nem materiais pedagógicos diferenciados para esses estudantes. Contudo, é importante destacar que eles são devidamente beneficiados por outros programas do governo federal, voltados para assegurar o acesso à educação, a permanência na escola e a promoção da equidade educacional. Esses programas contribuem bastante para o desenvolvimento escolar dos alunos, garantindo direitos, reforçando a inclusão e apoiando as políticas públicas destinadas às populações tradicionais, mesmo sem haver repasse direto de recursos materiais pedagógicos específicos para a escola.

> A escola ainda não foi atendida com nenhuma política pública específica para quilombolas, Vale ressaltar que ela não está em território quilombola, ela atende alunos quilombolas. Mas isso não nos impede de estarmos nos organizando como escola que oferta Educação Escolar Quilombola, para podermos ter acesso às políticas públicas do PNNERQ. (Coordenador C2).

De modo geral, a relação das crianças da comunidade com a escola é positiva e participativa. Os alunos demonstram sentimento de pertencimento ao ambiente escolar, reconhecendo a escola como um lugar seguro, acolhedor e essencial para sua formação educacional e social. Eles participam ativamente das atividades pedagógicas e culturais promovidas pela instituição, mantendo boa interação com professores, gestores e demais funcionários. Observa-se também o envolvimento das famílias no acompanhamento da vida escolar dos filhos, o que fortalece o vínculo entre a comunidade e a escola. Sobre as dificuldades que os estudantes da comunidade

enfrentam, a resposta foi a falta de mais recursos tecnológicos, desafios relacionados à leitura, escrita e interpretação de textos.

Questionados sobre a existência de alguma proposta diferenciada no currículo escolar ou na proposta pedagógica para resgatar e valorizar a cultura desses povos, eles relataram que a escola está em fase de revisão do seu Projeto Político-Pedagógico (PPP), incorporando propostas específicas voltadas ao resgate, à valorização e ao fortalecimento da cultura quilombola, reconhecendo a identidade, a história e os saberes tradicionais da comunidade. Mesmo durante esse processo de atualização, a escola sempre garantiu o atendimento educacional pleno e o direito à educação de todos os alunos, oferecendo ensino de qualidade, promovendo a inclusão, o respeito à diversidade e a igualdade de oportunidades, conforme estabelece a legislação educacional vigente e as políticas públicas. Dessa forma, a unidade escolar reafirma seu compromisso com uma educação contextualizada, democrática e socialmente referenciada, que valoriza a cultura local e contribui para a formação integral dos estudantes.

De acordo com o coordenador C2, o município criou, em 2020, os polos de gestão educacional quilombola. Em 2023, o DCC (Documento Curricular do Município) de Cachoeira do Piriá foi aprovado e já contempla a modalidade de educação escolar quilombola. Em 2025, o município instituiu a coordenação escolar quilombola. A partir daí, começaram a se organizar e estão em processo de reestruturação do PPP para garantir, nele, a implementação do DCC com um planejamento direcionado aos nossos alunos quilombolas e para a construção de uma escola antirracista.

De acordo com os coordenadores a escola possui algum espaço específico para que a comunidade quilombola interaja de maneira significativa com a escola, os coordenadores afirmaram que a escola dispõe de um ambiente reservado para a interação com a comunidade quilombola, sendo utilizado para encontros, atividades pedagógicas, eventos culturais e espaços de conversa entre a escola e a população local. Esse local favorece a participação da comunidade, o fortalecimento dos laços e a valorização da identidade cultural quilombola, contribuindo para a construção coletiva do processo educativo. Os entrevistados revelam que a escola é referência em educação no município, acolhendo a comunidade em geral, que tem livre acesso às dependências. Segundo esses coordenadores, na escola estão sempre promovendo momentos de integração entre escola e comunidade por meio de projetos

voltados à cultura, à preservação do meio ambiente e à valorização do território como espaço de aprendizagem e de troca.

Na entrevista semiestruturada, obtivemos algumas informações sobre a fundação e organização da comunidade de Bela Aurora. De acordo com a representante da comunidade Helena Duarte Luz da Silva, que é licenciada em História pela UFPA, na turma 2017, e especialista em Psicopedagogia e Gestão Escolar pela UNIFAE, em 2023, há 75 famílias morando na comunidade. Segunda a moradora não existe provas ou documentos que especifiquem a datação da comunidade quilombola de Bela Aurora, porém afirma que foi simultaneamente às comunidades quilombolas de Camiranga e Itamoari, por volta de 1817. A moradora conta que os primeiros moradores vieram do desmonte do Mucambo de Pinheiro, no Maranhão, de Limoeiro e outro dos Campos de Arredores. As primeiras famílias, de acordo com ela, foram: a família de Mandica Bans, a família da dona Maria da Ilha do seu Dhalia, a família Nascimento Ferreira e também a família do saudoso Osmar de Brito, Chiquinha de Brito, Sátiro de Brito e a família Caldas, esses foram os primeiros moradores da comunidade. A moradora relata ainda que os negros quilombolas faziam alianças com os indígenas para construir os mocambos, “e por isso a nossa mistura é Afro-indígena”.

A moradora relatou que é de 1817 um dos primeiros registros sobre a comunidade, mas ela acredita que tenha acontecido muito antes disso. A moradora entrevistada nos contou que nos primeiros registros da Comunidade de Bela Aurora, Camiranga e Itamoari constam que havia sítios frutíferos, como: manga e laranja. Segundo ela, essas evidências estão presentes no livro de Darcy Ribeiro “Diários Índios Kaapor: O Urubus-Kaapor”. De acordo com ela, o livro cita que eles não encontraram pessoas nas comunidades, encontraram os sítios abandonados, porém tudo frutífero.

Para embasar essas informações, utilizamo-nos de referências bibliográficas que corroboram as informações oferecidas pela entrevistada.

> Estes dados são confirmados por referências bibliográficas como Gustavo Dodt (4) que subiu o Gurupi em 1872 e se refere aos índios Urubus como tribo isolada que vivia no lado paraense, entre as nascentes do Coracy e do Piriá, transpondo às vezes o Gurupi, mas raramente disparando flechas sobre viajantes ou casas. Arrojado Lisboa (6) que subiu o Gurupi em 1895 descreve-os vi vendo no lado maranhense e já como o flagelo da região por seus ataques que ameaçavam desalojar toda a população civilizada do vale. (Ribeiro, 1995, p. 1995, p.129 e 130).

Nos registros bibliográficos, encontrados percebemos que os pesquisadores citam os rios Coracy e Piriá, que estão localizados na cidade de Cachoeira do Píriá, onde fica o território remanescente da comunidade de Bela Aurora. O quadro abaixo, apresenta depoimento da moradora representante da Comunidade de Quilombola Bela Aurora.

Quadro 4: Relato da representante da comunidade de Bela Aurora

Meu nome é Helena Duarte Luz da Silva, sou nativa daqui. Nasci e me criei aqui no quilombo Bela Aurora. Meus pais eram verdadeiros quilombolas e trouxeram a herança cultural do passado deles. Daqui de dentro da comunidade do meu avô, por parte da minha mãe, era descendente de africanos e, por parte do meu pai, ele era indígena, o meu bisavô era indígena da aldeia de Jaraguá no município de Viseu. Até hoje ainda é e eu me identifico mais como indígena do que como quilombola. Eu não sei se é o estereótipo meu, mas é assim que eu me identifico. Até as minhas comidas, meus traços culturais é tudo para mim eu puxei mais pela parte do meu pai, do que pela parte da minha mãe. Não é preconceito, mas é assim que eu me identifico, é a história da comunidade. Ela surgiu mais ou menos no ciclo do ouro, que todos nós sabemos vários historiadores, inclusive Jorge Hurley e Darcy Ribeiro e outros historiadores fizeram uma viagem de Viseu para fazer a exploração desse povo nativo que vivia sofrendo ameaça dos indígenas. Então esse foi o primeiro registro, e esse primeiro registro ele foi feito em 1817. Outros pesquisadores já tinham vindo antes fazer essa pesquisa é a primeira pesquisa quem veio foi o Paulo Queiroz, é em 1810, foi ele veio só aqui (...) fez de vizinho até as aldeias do Canindé, cabeceira do rio, ele não foi é não teve muito proveito porque ainda não tinha essas tecnologias que tem hoje. E essa pesquisa muitos registros deles foram escritos e como era no período do inverno é choveu, molhou e eles aproveitaram poucas coisas. E aí foi quando Jorge veio, quando e Ribeiro e aí já fizeram uma outra pesquisa, mas a primeira pesquisa não aproveitaram muita coisa devido é a dificuldade da não tinha essas tecnologias avançadas que tem hoje. (...) a nossa comunidade quilombola de Bela Aurora, ela não tem muitos registros assim anteriores, é e os primeiros moradores foram a família da Mandica Bans, a família da dona Maria da Ilha do seu Dhalia a família nascimento Ferreira e a família também do saudoso Osmar de Brito, Chiquinha de Brito, Satiro de Brito e a família Caldas, esses foram os primeiros moradores da comunidade.

Fonte: Silva, Helena – 2026

Na entrevista semiestruturada, os representantes da comunidade Carlos João Caldas Ferreira e Helena Duarte Luz da Silva contaram que a relação da comunidade

com a instituição escolar é participativa, porém, Helena, que é a professora na comunidade, relatou que os estudantes em sua maioria são da comunidade de Bela Aurora e que eles precisam se deslocar até a escola Sebastião Oliveira para estudar. Segundo ela, as Diretrizes da Educação Escolar Quilombola determinam que quando a maioria dos estudantes são quilombolas, a maioria dos professores também deveria ser quilombola. No entanto, ela conta que “(...) isso não acontece por aqui. Nós lutamos muito pelo nosso direito, para que isso aconteça, mas creio que daqui pra frente vai ser resolvido, porque tudo é no tempo de Deus” e a lei não deveria “ficar só no papel”.

> Como destacado, de acordo com o documento final da CONAE (2010), a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão: h) Assegurar que a atividade docente nas escolas quilombolas seja exercida preferencialmente por professores/as oriundos/as das comunidades quilombolas. (C0NAE, 2010, p. 131-132, grifo nosso) Essa deliberação orienta a elaboração destas Diretrizes, as quais enfatizam que a Educação Escolar Quilombola deverá ser conduzida, preferencialmente, por professores pertencentes às comunidades quilombolas. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012).

Esse fato demonstra que a escola, mesmo amparada por lei, acaba reproduzindo desigualdades estruturais ao não garantir que a maioria dos professores da escola sejam pertencentes à comunidade quilombola atendida naquele estabelecimento de ensino, apesar de sabermos que essa questão em específico não depende apenas da instituição escolar. A luta da comunidade é legítima e reflete a falta de efetividade de políticas públicas. A solução não virá apenas com o tempo ou com fé, mas com mecanismos de fiscalização, sanção para o descumprimento da lei e políticas ativas de valorização docente quilombola.

Quando questionamos sobre como a escola trabalha com os alunos a ancestralidade da comunidade, a questão dos mitos e a história, a entrevistada tomou essa pergunta como fundamental pois, como professora quilombola, ela diz que sempre insiste nesse ponto, já que há uma lei que respalda as comunidades negras quilombolas, com diretrizes específicas para a educação escolar para as comunidades quilombolas. No entanto, essa base muitas vezes não é respeitada como deveria, nem aplicada conforme as normas vigentes. Por ser uma escola quilombola, os alunos estudam a cultura, a identidade e os costumes do quilombo, relatou. Porém, de acordo com ela, quando os estudantes vão estudar em outra escola que não é quilombola, fica evidente que há distorções, podendo haver um retrocesso na aprendizagem, pois

lá não há maioria de professores quilombolas. Nessas condições, avalia que o ensino será diferente, e isso acaba prejudicando a educação escolar quilombola como um todo.

O depoimento da professora evidencia uma contradição entre o que as leis e diretrizes definem e o que efetivamente acontece nas escolas. A professora quilombola identifica um ponto crítico: a mobilidade dos alunos entre diferentes redes de ensino como momento de ruptura do aprendizado quilombola, o que exige políticas articuladas entre sistemas de ensino para garantir continuidade e respeito à identidade desses estudantes.

De acordo com Bell Hooks (2023): "A educação progressista, educação como prática de liberdade, prepara-nos para confrontar sentimento de perda e para restaurar nosso senso de conexão. Ela nos ensina a criar uma comunidade". Pois segundo ela, o ensino quilombola fundamenta-se na valorização da identidade, da ancestralidade, da memória coletiva e dos saberes construídos pela comunidade. Nesse contexto, a escola ultrapassa a função de transmitir conteúdos e torna-se um espaço de fortalecimento cultural, pertencimento e resistência. Como afirma Bell Hooks, a educação deve criar comunidade e fortalecer os vínculos entre as pessoas, promovendo uma aprendizagem comprometida com a liberdade e a transformação social. Essa perspectiva dialoga diretamente com a educação escolar quilombola, que reconhece os conhecimentos tradicionais, respeita as especificidades do território e contribui para a formação de sujeitos conscientes de sua história, cultura e direitos. A educação, nesse sentido, torna-se um instrumento de valorização da identidade quilombola e de construção de uma sociedade mais justa e igualitária

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo central analisar o acompanhamento das práticas pedagógicas e das percepções sobre o ensino entre os alunos quilombolas do 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Sebastião Oliveira, localizada no município de Cachoeira do Piriá, Pará, buscando compreender de que forma a instituição tem desenvolvido estratégias educativas que dialoguem com a realidade sociocultural dos estudantes da comunidade quilombola de Bela Aurora. Ao longo do estudo, foi possível evidenciar que a escola desempenha um papel

fundamental no fortalecimento da identidade quilombola dos estudantes. Os dados coletados por meio de questionários, entrevistas e observação revelaram que os alunos demonstram um forte sentimento de pertencimento ao território onde vivem, expressando orgulho de sua cor, de sua cultura e de sua história.

No que se refere às práticas pedagógicas, verificou-se que os professores, de modo geral, buscam incorporar em seu planejamento temas relacionados à realidade quilombola, utilizando estratégias como rodas de conversa, produção textual baseada em vivências, danças, música e valorização da oralidade. No entanto, observou-se que essa incorporação ainda ocorre de maneira fragmentada, dependendo, em grande medida, da sensibilidade e do engajamento individual de cada docente.

Durante a pesquisa encontramos uma discrepância entre o avanço legal e a efetivação concreta das políticas públicas. Embora existam marcos importantes, como a Resolução CNE/CEB nº 8/2012 e a Lei nº 10.639/2003, a escola ainda não recebe verba específica nem materiais pedagógicos diferenciados para atender os alunos quilombolas, conforme relatado pelos coordenadores: “A escola ainda não foi atendida com nenhuma política pública específica para quilombolas”. Além disso, a comunidade denuncia que a maioria dos professores não é oriunda do território quilombola, contrariando o que preconizam as Diretrizes e a CONAE (2010).

Os desafios enfrentados pelos estudantes também se mostraram relevantes. A origem em turmas multisseriadas até o 5º ano, as dificuldades de deslocamento (transporte fluvial ou rodoviário), o trabalho sazonal nos períodos de colheita do açaí e produção da farinha, bem como as limitações de acesso a recursos pedagógicos e as dificuldades de leitura e escrita, foram apontados como obstáculos que demandam um olhar atento por parte dos educadores e gestores públicos.

Apesar das dificuldades, a relação entre a escola e a comunidade quilombola de Bela Aurora mostrou-se positiva e participativa. Os alunos reconhecem a escola como um espaço acolhedor e seguro, e as famílias acompanham a vida escolar dos filhos. A escola está em processo de reestruturação de seu Projeto Político Pedagógico (PPP) para incluir, de forma sistemática, as especificidades da educação escolar quilombola, o que representa um avanço importante e uma conquista da luta coletiva.

Por fim, este estudo reafirma que a educação escolar quilombola não pode se limitar à transmissão de conteúdos formais, mas deve ser concebida como prática de liberdade e emancipação, conforme nos ensina Paulo Freire, “é preciso que as

políticas públicas saiam do papel e se concretizem em ações efetivas", garantindo formação específica para professores, materiais didáticos adequados, infraestrutura compatível e, sobretudo, o protagonismo das comunidades quilombolas na gestão escolar. A pesquisa também evidenciou a necessidade de articular os sistemas de ensino para garantir a continuidade do aprendizado quilombola, especialmente quando os alunos precisam se deslocar para escolas fora de seus territórios.

Espera-se que este trabalho contribua para ampliar o debate sobre práticas educativas contextualizadas e antirracistas, bem como para fortalecer a luta da comunidade de Bela Aurora por uma educação que respeite sua história, valorize sua cultura e garanta um futuro digno para as próximas gerações. A luta por uma educação quilombola de qualidade é, acima de tudo, uma luta por reparação histórica e por justiça social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.** Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n. 227, p. 2-3, 21 nov. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília, DF: MEC/CNE, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003.

COELHO, Mauro C.; COELHO, Wilma N. B. Educação antirracista: entre a norma e a prática pedagógica**. Revista de Educação e Pesquisa**, v. 47, e236430, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Módulo 1**: Panorama étnico-racial e quilombola brasileiro. Curadores: Ciani Sueli das Neves; Manuel Jauará. Brasília: MEC, 2024. 1 PDF (30 horas). Disponível em: mec.gov.br. Acesso em: 3 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Módulo 3**: Educação antirracista na escola. Brasília: MEC, 2024. 1 PDF. Disponível em: mec.gov.br. Acesso em: 3 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Módulo 4:** Gestão democrática para a diversidade. Brasília: MEC, 2024. 1 PDF. Disponível em: mec.gov.br. Acesso em: 3 jan. 2026.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino**. Indagações sobre currículo**. Brasília: MEC/SEB, 2003.

GOMES, Nilma Lino. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 33, n. 59, p. 435-454, maio/ago. 2021.

HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2023. p. 20.

MARANHÃO. **Trilhas da Alfabetização**: por uma educação antirracista. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2021. 80 p. (Projeto Trilhas da Alfabetização)..

RIBEIRO, Darcy. Os índios urubus: ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical. In: SCHADEN, Egon (org.). **Leituras de etnologia brasileira**. São Paulo: Anhembi, 1995. p. 23-43.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará**: sob o regime da escravidão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Belém: UFPA, 1971.